

**1. Introdução 1.1.** Será a cidade contemporânea como o aeroporto contemporâneo «igual a todos os outros»? Será possível teorizar esta convergência? E em caso afirmativo, a que configuração definitiva aspira? A convergência é possível apenas à custa do despojamento da identidade. Isso é geralmente visto como uma perda. Mas à escala em que isso acontece, *tem* de significar algo. Quais são as desvantagens da identidade e, inversamente, quais as vantagens da vacuidade? E se esta homogeneização aparentemente acidental — e geralmente deplorada — fosse um processo intencional, um movimento consciente de distanciamento da diferença e aproximação da semelhança? E se estivermos a assistir a um movimento de libertação global: «abaixo o carácter!» O que resta se removermos a identidade? O Genérico? **1.2.** Na medida em que a identidade deriva da substância física, do histórico, do contexto e do real, de certo modo não conseguimos imaginar que algo contemporâneo — feito por nós — contribua para ela. Mas o facto do crescimento humano ser exponencial implica que o passado se tornará em dado momento demasiado «pequeno» para ser

habitado e partilhado por aqueles que estão vivos. Nós mesmos o esgotamos. Na medida em que a história encontra o seu depósito na arquitectura, as cifras actuais da população vão inevitavelmente disparar e dizimar a substância existente. A identidade concebida como forma de partilhar o passado é uma proposta perdedora: não só existe —num modelo estável de expansão contínua da população— proporcionalmente cada vez menos o que partilhar, mas a história tem uma ingrata meia-vida —quanto mais se abusa dela, menos significativa se torna— até chegar o momento em que as suas decrescentes dádivas se tornam insultuosas. Esta rarefacção é exacerbada pela massa sempre crescente de turistas, uma avalanche que, na busca perpétua do «carácter», tritura as identidades bem-sucedidas transformando-as em poeira insignificante. **1.3.** A identidade é como uma ratoeira, onde cada vez mais ratos têm de partilhar o isco original, e que, examinada mais de perto, pode estar vazia há séculos. Quanto mais poderosa for a identidade, mais nos aprisiona, mais resiste à expansão, à interpretação, à renovação, à contradição. A identidade torna-se semelhante a um farol —fixa, sobredeterminada: pode mudar a sua posição ou o padrão em que emite, mas o preço é desestabilizar a navegação (Paris só se pode tornar mais parisiense —já está a caminho de se tornar hiper-Paris, uma caricatura polida. Há excepções:

Londres —cuja única identidade é a falta de uma identidade clara— está perpetuamente a tornar-se cada vez menos Londres, mais aberta, menos estática). **1.4.** A identidade centraliza; insiste numa essência, num ponto. A sua tragédia é dada em termos geométricos simples. À medida que se expande a esfera de influência, a área caracterizada pelo centro torna-se cada vez maior, diluindo irremediavelmente tanto a força como a autoridade do núcleo; inevitavelmente, a distância entre o centro e a circunferência aumenta até ao ponto de ruptura. Nesta perspectiva, a descoberta recente e tardia da periferia como zona de valor potencial —uma espécie de condição pré-histórica que pode ser finalmente digna de atenção arquitectónica— é apenas uma insistência dissimulada na prioridade e na dependência do centro: sem centro não há periferia; o interesse do primeiro compensa presumivelmente a vacuidade do segundo. Conceptualmente órfã, a condição de periferia é agravada pelo facto da sua mãe continuar viva, roubando o espectáculo, enfatizando as insuficiências da sua descendência. As últimas vibrações que emanam do centro esgotado impedem a leitura da periferia como uma massa crítica. Não só o centro é por definição demasiado pequeno para cumprir as obrigações que lhe estão consignadas, como também não é já o centro real, antes uma miragem empolada em vias de implosão; contudo, a

sua presença ilusória nega legitimidade ao resto da cidade (Manhattan denigra como «gente das pontes e túneis» aqueles que precisam do apoio das infraestruturas para entrar na cidade e fá-los pagar por isso). A persistência da actual obsessão concêntrica faz que *todos* nós sejamos gente das pontes e túneis, cidadãos de segunda classe na nossa própria civilização, privados dos nossos direitos por essa tonta coincidência do nosso exílio colectivo do centro. **1.5.** Na nossa programação concêntrica (o autor passou parte da sua juventude em Amesterdão, cidade da máxima centralidade) a insistência no centro como núcleo de valor e significado, fonte de toda a significação, é duplamente destrutiva: não só o volume sempre crescente das dependências é uma tensão essencialmente intolerável, como também significa que o centro tem que ser constantemente *mantido*, quer dizer modernizado. Como «lugar mais importante» paradoxalmente tem que ser, ao mesmo tempo, o mais velho e o mais novo, o mais fixo e o mais dinâmico; sofre a adaptação mais intensa e constante, que em seguida se vê comprometida e complicada pelo facto de ter de ser uma transformação irreconhecível, invisível a olho nu (a cidade de Zurique encontrou a solução mais radical e dispendiosa ao voltar a uma espécie de arqueologia inversa: camada após camada de novas modernidades —centros comerciais, parques de esta-

cionamento, bancos, abóbadas, laboratórios, etc.— são construídos por baixo do centro. O centro já não se expande para fora ou para o alto, mas sim para dentro em direcção ao próprio centro da Terra). Desde o enxerto de vias de comunicação, circunvalações e túneis subterrâneos mais ou menos discretos, a construção de cada vez mais *tangenciais* até à transformação rotineira de habitações em escritórios, de armazéns em *lofts*, de igrejas abandonadas em clubes nocturnos, desde as falências em série e subseqüentes reaberturas de espaços comerciais cada vez mais caros até à implacável conversão de espaço utilitário em espaço «público», a pedonalização, a criação de novos parques, plantando, ligando e expondo a sistemática restauração da mediocridade histórica —toda a autenticidade se vê incessantemente evacuada. **1.6.** A Cidade Genérica é a cidade libertada da clausura do centro, do espartilho da identidade. A Cidade Genérica rompe com o ciclo destrutivo da dependência, não é mais do que um reflexo da necessidade actual e da capacidade actual. É a cidade sem história. É suficientemente grande para toda a gente. É fácil. Não necessita de manutenção. Se se tornar demasiado pequena simplesmente expande-se. Se ficar velha, simplesmente autodestrói-se e renova-se. É igualmente emocionante —ou pouco emocionante— em toda a parte. É «superficial» —tal como um estúdio de Hollywood

pode produzir uma nova identidade todas as manhãs de segunda-feira. **2. Estatística 2.1.** A Cidade Genérica cresceu espectacularmente nas últimas décadas. Não só o seu tamanho aumentou, mas também os seus números. No início da década de 1970, era habitada em média por 2,5 milhões de residentes oficiais (e mais ou menos 500.000 eventuais); agora, ronda os 15 milhões. **2.2.** Será que a Cidade Genérica começou na América? É tão profundamente pouco original que só pode ter sido importada? Em qualquer caso, a Cidade Genérica agora também existe na Ásia, Europa, Austrália e África. A passagem definitiva do campo, da agricultura para a cidade não é uma passagem para a cidade como a conhecemos: é a passagem para a Cidade Genérica, uma cidade que se expandiu tanto que chegou ao campo. **2.3.** Alguns continentes como a Ásia aspiram à Cidade Genérica; outros envergonham-se dela. Como tende para o tropical —convergindo em torno do equador— grande parte das Cidades Genéricas são asiáticas, o que aparentemente é uma contradição nos termos: o superfamiliar habitado pelo inescrutável. Um dia voltará a ser absolutamente exótica, um produto descartável da civilização ocidental, graças à resemantização que a sua própria difusão deixa na sua esteira... **2.4.** Por vezes, uma cidade antiga e singular, como é o caso de Barcelona, ao simplificar excessivamente a sua identidade passa a ser Genéri-

ca. Torna-se transparente, como um logótipo. O contrário nunca sucede... pelo menos ainda não aconteceu. **3. Geral 3.1.** A Cidade Genérica é o que resta depois de grandes sectores da vida urbana terem passado para o ciberespaço. É um lugar de sensações ténues e distendidas, de emoções escassas e distantes, discreto e misterioso como um grande espaço iluminado por um candeeiro de mesa-de-cabeceira. Comparada com a cidade clássica, a Cidade Genérica está *sedada*, normalmente observada de uma posição sedentária. Em vez de concentração —presença simultânea— na Cidade Genérica, cada «momento» concreto afasta-se dos demais para criar um transe de experiências estéticas quase inapreciáveis: as variações de cor na iluminação fluorescente de um edifício de escritórios pouco antes do pôr do Sol, as sutilezas dos brancos ligeiramente diferentes de um painel iluminado à noite. Tal como a comida japonesa, as sensações podem reconstituir-se e intensificar-se na mente, ou não: podem ser simplesmente ignoradas (há uma opção). Esta difusa falta de urgência e insistência actua como uma droga potente: induz uma *alucinação do normal*. **3.2.** Numa drástica inversão do que é supostamente a principal característica da cidade —o «negócio»— a sensação dominante da Cidade Genérica é uma calma misteriosa: quanto mais calma for, mais se aproxima do seu estado puro. A Cidade

Genérica enfrenta os «males» que se atribuíam à cidade tradicional antes que o nosso amor por esta se tornasse incondicional. A serenidade da Cidade Genérica consegue-se através da *evacuação* do domínio público, como na emergência de um simulacro de incêndio. A superfície urbana agora só alberga o movimento necessário, fundamentalmente os carros; as autoestradas são uma versão superior das avenidas e praças, ocupando cada vez mais espaço; o seu traçado, que aparentemente procura a eficácia automobilística, é de facto surpreendentemente sensual, uma pretensão utilitária que entra no domínio do espaço *liso*. O que é novo neste domínio público sobre rodas é que não pode ser medido em termos de dimensões. O mesmo percurso (digamos de dez quilómetros) proporciona grande número de experiências completamente diferentes: pode durar cinco minutos ou quarenta; pode ser partilhado com quase ninguém ou com toda a população; pode proporcionar o prazer absoluto da velocidade pura e não adulterada — caso em que a sensação da Cidade Genérica pode mesmo tornar-se intensa ou pelo menos adquirir densidade — ou momentos de paragem totalmente claustrofóbicos — caso em que a rarefacção da Cidade Genérica será mais perceptível. **3.3.** A Cidade Genérica é fractal, uma repetição infundável do mesmo módulo estrutural simples; é possível reconstruí-la a partir da sua entidade

mais pequena, de um computador pessoal ou talvez mesmo de uma disquete. **3.4.** Os campos de golfe são tudo o que resta da alteridade. **3.5.** A Cidade Genérica tem números de telefone fáceis, não esses rebeldes trituradores do lóbulo frontal de dez algarismos que existem na cidade tradicional, mas sim versões mais homogêneas, por exemplo com os algarismos intermédios idênticos. **3.6.** A sua principal atracção é a anomia. **4. Aeroporto** **4.1.** Anteriormente manifestações da máxima neutralidade, os aeroportos estão agora entre os elementos mais singulares e característicos da Cidade Genérica, sendo o seu mais poderoso veículo de diferenciação. Têm de o ser, já que é muitas vezes tudo o que uma pessoa comum fica a conhecer de uma determinada cidade. Tal como numa eficaz apresentação de um perfume, os murais fotográficos, a vegetação e os costumes locais proporcionam um primeiro choque concentrado da identidade local (por vezes é também o último). Longínquo, confortável, exótico, polar, regional, oriental, rústico, novo ou mesmo «inexplorado»: são estes os registos emocionais que evocam. Assim, com esta carga conceptual, os aeroportos transformam-se em sinais emblemáticos, gravados no inconsciente colectivo global, com selvagens manipulações dos seus atractivos não aeronáuticos — lojas *tax-free*, qualidades espaciais espectaculares, a frequência e a fiabilidade das suas

ligações com outros aeroportos. Em termos da sua iconografia/desempenho, o aeroporto é um concentrado tanto do hiper-local como do hiper-global — hiper-global no sentido de que podemos adquirir aí artigos que não se encontram nem mesmo na cidade; hiper-local no sentido em que se podem adquirir nele coisas que não se podem obter em mais parte nenhuma. **4.2.** A tendência da *Gestalt* dos aeroportos é para uma autonomia cada vez maior: por vezes, não têm sequer na prática qualquer relação com a Cidade Genérica específica. Ao tornarem-se cada vez maiores, equipados com mais serviços não associados às viagens, estão em vias de substituir a cidade. A condição de estar «em trânsito» está a tornar-se universal. Em conjunto, os aeroportos contêm populações de milhões de habitantes, além de contarem com a maior força de trabalho diurna. Tendo em conta a totalidade dos seus serviços, são como bairros da Cidade Genérica, sendo mesmo por vezes a sua razão de ser (o seu centro?), com a atracção adicional de serem sistemas herméticos dos quais não há escapatória —salvo para ir para outro aeroporto. **4.3.** A data/idade da Cidade Genérica pode ser reconstruída a partir de uma leitura atenta da geometria do seu aeroporto. Planta hexagonal (em casos singulares, pentagonal ou heptagonal): década de 1960. Planta e corte ortogonais: década de 1970. Cidade *collage*: década de 1980. Um corte curvo

único, interminavelmente extrudido numa planta linear: provavelmente, década de 1990. (A sua estrutura ramificada como um carvalho: Alemanha). **4.4.** Existem aeroportos de dois tamanhos: demasiado grandes e demasiado pequenos. Contudo, o seu tamanho não tem influência no seu desempenho. Isto sugere que o aspecto mais intrigante de todas as infra-estruturas é a sua elasticidade essencial. Calculados com exactidão em função do número —de passageiros por ano— são invadidos por um sem número deles e sobrevivem, expandidos até à máxima indeterminação. **5. População** **5.1.** A Cidade Genérica é rigorosamente multirracial, tendo em média 8 % de negros, 12 % de brancos, 27 % de hispânicos, 37 % de chineses/asiáticos, 6 % de indeterminados e 10 % de outros. É não só multirracial mas também multicultural. É por esta razão que não surpreende encontrar templos entre os prédios, dragões nas avenidas principais ou budas no CBD (Central Business District: centro comercial e financeiro). **5.2.** A Cidade Genérica é sempre fundada por pessoas em trânsito, determinadas a seguir adiante. Isto explica a insubstancialidade das suas fundações. Como os flocos que se formam subitamente num líquido transparente ao juntarem-se duas substâncias químicas, para posteriormente se acumularem numa pilha incerta no fundo, a colisão ou confluência de duas migrações —por exemplo, emi-

grados cubanos a caminho do norte e judeus aposentados indo para o sul, em última instância todos a caminho de outro lugar— estabelece, quando menos se espera, um assentamento. Nasceu uma Cidade Genérica. **6. Urbanismo** **6.1.** A grande originalidade da Cidade Genérica é simplesmente a de abandonar o que não funciona —o que sobreviveu ao seu uso— para romper a capa de asfalto do idealismo com os martelos pneumáticos do realismo e aceitar qualquer coisa que cresça em seu lugar. Nesse sentido, a Cidade Genérica concilia tanto o primitivo como o futurista —na verdade, *somente* estas duas coisas. A Cidade Genérica é tudo o que fica do que costumava ser a cidade. A Cidade Genérica é a pós-cidade que se está a preparar no lugar da ex-cidade. **6.2.** A Cidade Genérica mantém-se unida não por um domínio público excessivamente exigente —progressivamente degradado numa sequência inesperadamente longa em que o fórum romano está para a ágora grega como o centro comercial está para a rua principal— mas pelo *residual*. No modelo original dos modernos, o residual era simplesmente uma zona verde, o seu controlado asseio era uma afirmação moralista de boas intenções, desencorajando a associação e o uso. Na Cidade Genérica, por virtude da sua capa civilizacional ser tão fina, e graças à sua tropicalidade imanente, o vegetal transforma-se em Resíduo *Edénico*, sendo o principal

portador da sua identidade: um híbrido de política e paisagem. Ao mesmo tempo refúgio do ilegal e do incontrolável e submetida a uma interminável manipulação, representa um triunfo simultâneo do cosmético e do primordial. A sua exuberância imoral compensa outras fraquezas da Cidade Genérica. Supremamente inorgânica, o orgânico é o mito mais poderoso da Cidade Genérica. **6.3.** A rua morreu. Essa descoberta coincidiu com as frenéticas tentativas da sua ressurreição. A arte pública está por toda a parte —como se duas mortes fizessem uma vida. A pedonalização— pensada para preservar —canaliza simplesmente o fluxo dos condenados a destruir com os seus pés o objecto da sua presumida veneração. **6.4.** A Cidade Genérica está a passar da horizontalidade para a verticalidade. O arranha-céus parece ser a tipologia final e definitiva. Engoliu tudo o resto. Pode existir em qualquer lugar: num arrozal ou no centro da cidade, já não há nenhuma diferença. As torres já não estão juntas; separam-se de modo a que não interajam. A densidade isolada é o ideal. **6.5.** A habitação não é um problema. Ou foi totalmente resolvida ou foi deixada completamente ao acaso; no primeiro caso é legal; no segundo, «ilegal»; no primeiro caso, são torres ou, geralmente, prédios (com um máximo de 15 metros de profundidade); e no segundo (em perfeita complementaridade) uma crosta de barracas improvisadas. Uma solução consome o

céu; a outra o terreno. É estranho que aqueles que têm menos dinheiro habitem o recurso mais caro — a terra — e os que pagam habitem o que é de graça — o ar. Em ambos os casos, a habitação demonstra ser surpreendentemente acomodatória — não só a população duplica de tantos em tantos anos, como também, com o decrescente controlo das diferentes religiões, o número médio de habitantes por unidade se reduz para metade — devido a divórcios e outros fenómenos de divisão familiar — com a mesma frequência que duplica a população da cidade; à medida que estes números crescem, a densidade da Cidade Genérica está perpetuamente em redução. **6.6.** Todas as Cidades Genéricas surgem da *tabula rasa*; se não havia nada, agora elas estão lá; se já existia algo, elas substituíram-no. Teria que ser assim, de outro modo seriam históricas. **6.7.** A paisagem Urbana Genérica é geralmente uma amálgama de sectores excessivamente ordenados — que datam do início do seu desenvolvimento, quando «o poder» ainda não se tinha diluído — e soluções cada vez mais livres por toda a parte. **6.8.** A Cidade Genérica é a apoteose do conceito de escolha múltipla: todas as hipóteses marcadas, uma antologia de *todas* as opções. Em geral, a Cidade Genérica foi «planeada» não no sentido habitual de uma organização burocrática que controla o seu desenvolvimento, mas sim como se diversos ecos, espo-

ros, tropos e sementes tivessem, como na natureza, caído na terra ao acaso, se tivessem fixado — aproveitando a fertilidade natural do solo — e agora formassem um conjunto: uma reserva arbitrária de genes que por vezes produz resultados assombrosos. **6.9.** A escrita da cidade pode resultar indecifrável e defeituosa, mas isso não significa que não *haja* escrita; pode ter acontecido simplesmente que tenhamos criado um novo analfabetismo, uma nova cegueira. A detecção paciente revela os temas, as partículas e os filamentos que se podem isolar da aparente impenetrabilidade desta *ur-sopa* wagneriana: notas deixadas numa ardósia por um génio numa visita há 50 anos, relatórios multi-copiados da ONU que se desintegram no seu silo de vidro em Manhattan, descobrimentos de antigos pensadores coloniais com olho clínico para o clima, imprevisíveis ricochetes de educação para o desenho que recuperam força como um processo global de branqueamento. **6.10.** A melhor definição da estética da Cidade Genérica é o «estilo livre». Como descrevê-lo? Imaginemos um espaço aberto, uma clareira na floresta, uma cidade nivelada. Há três elementos: as estradas, os edifícios e a natureza; todos eles coexistem com relações flexíveis, aparentemente sem motivo, numa espectacular diversidade organizativa. Qualquer dos três pode dominar: por vezes a «estrada» perde-se — e volta a encontrar-se serpen-



teando num desvio incompreensível; por vezes *não vemos edifícios*, só a natureza; depois, de modo igualmente imprevisível, vemo-nos rodeados só por edifícios. Em certos pontos assustadores, as três coisas estão simultaneamente ausentes. Nesses «sítios» (na verdade, qual é o oposto de sítio? São como buracos perfurados no conceito de cidade), a arte pública emerge como o monstro do lago Ness, figurativa e abstracta em partes iguais, habitualmente auto-mantida.

**6.11.** As cidades específicas continuam a discutir os graves erros dos arquitectos —por exemplo, as suas propostas para criar redes pedonais elevadas com tentáculos que levam de um prédio para o seguinte como solução para a congestão— mas a Cidade Genérica simplesmente desfruta das vantagens das suas invenções: *plataformas, pontes, túneis e auto-estradas* —uma enorme proliferação da parafernália de ligação— frequentemente cobertos de fetos e flores como se para esconjurar o pecado original, criando assim uma congestão vegetal mais severa do que um filme de ficção científica dos anos 1950.

**6.12.** As estradas são apenas para os carros. As pessoas (os peões) são largados em caminhos (como num parque de diversões), em «promenades» que as levantam do solo e depois as sujeitam a todo um catálogo de situações exageradas —vento, calor, escarpas, frio, interior, exterior, cheiros e vapores— numa sequência que é uma

caricatura grotesca da vida na cidade histórica.

**6.13.** Existe horizontalidade na Cidade Genérica, mas está em vias de extinção. Consiste da história que ainda não foi apagada ou então de enclaves ao estilo Tudor que se multiplicam em redor do centro, como emblemas recém-cunhados da preservação.

**6.14.** Ironicamente, embora sendo nova, a Cidade Genérica está rodeada por uma constelação de Cidades Novas: as Cidades Novas são como anéis de crescimento anual. De algum modo, as Cidades Novas envelhecem com muita rapidez, tal como uma criança de cinco anos que fica com rugas e artrite devido à doença chamada progéria.

**6.15.** A Cidade Genérica apresenta a morte definitiva do planeamento. Porquê? Não porque não seja planeada —de facto, enormes universos complementares de burocratas e promotores imobiliários canalizam fluxos inimagináveis de energia e dinheiro para a sua concretização; pelo mesmo dinheiro, as suas planícies podiam ser fertilizadas com diamantes, os seus terrenos lamacentos pavimentados com lajes de ouro... Mas a sua descoberta mais perigosa e estimulante é que o planeamento não faz qualquer diferença. Os edifícios podem colocar-se bem (uma torre perto de uma estação de metro) ou mal (centros a quilómetros de distância de qualquer estrada). Todos florescem/morrem de maneira imprevisível. As redes viárias expandem-se em excesso, envelhecem, apo-

drecem, tornam-se obsoletas; as populações duplicam, triplicam, quadruplicam e de repente desaparecem. A superfície da cidade explode, a economia acelera, desacelera, dispara, afrouxa. Como velhas mães que continuam a amamentar os seus embriões titânicos, cidades inteiras são construídas sobre infraestruturas coloniais, cujas plantas os opressores levaram de volta para casa. Ninguém sabe de onde, como ou desde quando funcionam os esgotos, ninguém sabe a localização exacta das linhas telefónicas, qual foi a razão para colocar ali o centro, nem onde acabam os eixos monumentais. O que tudo isso demonstra é que há infinitas margens ocultas, colossais reservas de inércia, um perpétuo processo orgânico de afinação, normas, comportamentos; as expectativas mudam com a inteligência biológica do animal mais atento. Nesta apoteose de escolha múltipla nunca voltará a ser possível reconstruir a causa e o efeito. Funcionam, é tudo. **6.16.** A aspiração da Cidade Genérica à tropicalidade implica automaticamente a rejeição de qualquer referência prolongada à cidade como fortaleza, como cidadela; é aberta e acomodatória como um mangal. **7. Política** **7.1.** A Cidade Genérica tem uma relação (por vezes distante) com um regime mais ou menos autoritário, local ou nacional. O habitual é que os amigos do dirigente —quem quer que ele seja— tenham decidido promover um

pedaço de «centro urbano» na periferia, ou inclusivamente começar uma cidade no meio do nada e desencadear assim uma prosperidade que ponha a cidade no mapa. **7.2.** Com frequência, o regime desenvolveu um surpreendente grau de invisibilidade, como se graças à sua permissividade a Cidade Genérica resistisse ao ditatorial. **8. Sociologia** **8.1.** É deveras surpreendente que o triunfo da Cidade Genérica não tenha coincidido com o triunfo da sociologia —uma disciplina cujo «campo» foi ampliado pela Cidade Genérica para além de tudo o que se possa imaginar. A Cidade Genérica é sociologia a acontecer. Cada Cidade Genérica é uma placa de Petri, ou um quadro preto infinitamente paciente no qual quase qualquer hipótese pode ser «demonstrada» e logo apagada, para nunca mais ecoar nas mentes dos seus autores ou do seu público. **8.2.** Claramente, há uma proliferação de comunidades —um *zapping* sociológico— que resiste a uma única interpretação dominante. A Cidade Genérica está a debilitar todas as estruturas que no passado levaram a que algo se consolidasse. **8.3.** Ainda que infinitamente paciente, a Cidade Genérica também se mostra persistentemente rebelde perante a especulação: demonstra que a sociologia pode ser o pior sistema para captar a sociologia a acontecer. Vence todas as críticas estabelecidas. Contribui com uma grande quantidade de provas a favor e —em quantidades ain-

da mais impressionantes— contra cada hipótese. Em *A* os prédios construídos em torre levam ao suicídio, em *B*, à felicidade para sempre. Em *C*, são vistos como um primeiro passo no caminho da emancipação (contudo, presume-se que sujeito a algum tipo de coação); em *D*, simplesmente como algo que passou de moda. Construídos em quantidades inimagináveis em *K*, estão a ser dinamitados em *L*. A criatividade é inexplicavelmente alta em *E*, e inexistente em *F*. *G* é um mosaico étnico ininterrupto; *H* está constantemente à mercê do separatismo, para não dizer à beira da guerra civil. O modelo *Y* nunca perdurará devido à alteração que produz na estrutura familiar, mas *Z* floresce —uma palavra que um académico nunca aplicaria a qualquer actividade da Cidade Genérica— por causa dela. A religião desaparece em *V*, sobrevive em *W* e transmuta-se em *X*. **8.4.** Estranhamente, ninguém pensou que, ao acumularem-se, as infinitas contradições destas interpretações demonstram a riqueza da Cidade Genérica; essa é a hipótese que foi eliminada antecipadamente. **9. Bairros** **9.1.** Há sempre um bairro chamado Lipservice,<sup>1</sup> onde se conserva uma parte mínima do passado: normalmente há um velho comboio/eléctrico ou autocarro de dois pisos que lá circu-

<sup>1</sup> Jogo de palavras: *to pay lip service* significa algo como «dar palmadinhas nas costas» [N. do T.].

la fazendo soar sinistras campainhas: versões domesticadas do navio fantasma de *Der fliegende Holländer*. As cabines telefónicas ou são vermelhas e transplantadas de Londres, ou estão dotadas de pequenos telhados chineses. Lipservice —também chamado Afterthoughts, Waterfront, Too Late, 42nd Street, simplesmente Village ou mesmo Underground—<sup>2</sup> é uma elaborada operação mítica: exalta o passado como só o recentemente concebido sabe. É uma máquina. **9.2.** A Cidade Genérica teve em tempos um passado. No seu esforço para alcançar notoriedade, grandes sectores dela de certo modo desapareceram, a princípio sem que ninguém o lamentasse —segundo parece, o passado era surpreendentemente insalubre, mesmo perigoso— e depois, sem avisar, o alívio transformou-se em pesar. Alguns profetas —de longos cabelos brancos, peúgas cinzentas e sandálias— tinham sempre avisado que o passado era necessário, um recurso. Lentamente, a máquina de destruição começa a imobilizar-se; algumas casinhas aleatórias do branqueado plano euclidiano salvam-se, restituídas a um esplendor que nunca tiveram... **9.3.** Apesar da sua ausência, a história é a principal preocupação, ou mesmo indústria da Cidade

<sup>2</sup> Respectivamente «Margem», «Muito tarde», «Rua 42», «a Vila» e «Subterrâneo» [N. do T.].

Genérica. Nos terrenos libertados, em volta das casinhotas restauradas, constroem-se mais hotéis para acolher turistas adicionais na proporção directa da eliminação do passado. O seu desaparecimento não tem qualquer influência no seu número, ou talvez se trate apenas de uma avalanche de última hora. O turismo é agora independente do destino... **9.4.** Em vez de recordações específicas, as associações de ideias que a Cidade Genérica mobiliza são recordações gerais, recordações de recordações: se não todas as recordações ao mesmo tempo, ao menos uma recordação abstracta e simbólica, um *déjà vu* que nunca acaba, uma recordação genérica. **9.5.** Apesar da sua modesta presença física (*Lipservice* nunca tem uma altura superior a três andares: homenagem a Jane Jacobs ou vingança desta?), condensa todo o passado num único conjunto. A história regressa aqui não como uma farsa mas como um *serviço*: mercadores mascarados (chapéus cómicos, ventres à mostra e véus) promovem voluntariamente as condições (escravatura, tirania, doença, pobreza ou colonialismo) por cuja abolição o seu país noutros tempos se lançou numa guerra. Como um vírus que se multiplica por todo o mundo, o colonial parece ser a única fonte inesgotável do autêntico. **9.6.** 42nd Street: embora aparentemente sejam os lugares onde o passado se preserva, na verdade são os lugares onde o passado mais mudou, está mais distante —como

se o víssemos com o telescópio ao contrário— ou foi mesmo completamente eliminado. **9.7.** Só a recordação dos excessos anteriores é suficientemente forte para intensificar o anódino. Como se tentassem aquecer-se ao calor de um vulcão extinto, os sítios mais populares (com turistas, e na Cidade Genérica isso inclui toda a gente) são os que alguma vez estiveram mais intensamente associados ao sexo e à má conduta. Os inocentes invadem os antigos redutos de proxenetes, prostitutas, traficantes, travestis e, em menor grau, de artistas. Paradoxalmente, no mesmo momento em que a auto-estrada da informação está pronta para levar a pornografia às toneladas até às suas salas de estar, é como se a experiência de caminhar sobre essas brasas reaquecidas da transgressão e do pecado os fizesse sentirem-se especiais e vivos. Numa época que não gera nova aura, o valor da aura estabelecida dispara. Será ao caminhar sobre essas cinzas que mais perto se encontrarão da culpa? Existencialismo diluído com a intensidade de uma garrafa de Perrier? **9.8.** Cada Cidade Genérica tem uma beira-mar, não necessariamente com a água —também pode ser com um deserto, por exemplo— mas pelo menos uma linha limítrofe onde se encontra com outra situação, como se uma posição de escape próximo fosse a melhor garantia para o seu divertimento. Aqui os turistas reúnem-se aos magotes em volta de um punhado de tendas. Mul-

tidões de vendedores ambulantes tentam venderlhes os aspectos «únicos» da cidade. As partes únicas de todas as Cidades Genéricas juntas criaram um *souvenir* universal, um cruzamento científico entre a Torre Eiffel, o Sacré-Coeur e a Estátua da Liberdade: um edifício alto (normalmente entre os 200 e os 300 metros) submergido numa pequena bola de água com neve ou, se estivermos próximo do equador, com flocos de ouro; diários com capas de couro picadas de varíola; sandálias *hippies* —mesmo que os verdadeiros *hippies* sejam repatriados rapidamente. Os turistas afagam-nos —nunca ninguém viu uma venda— de seguida sentam-se em exóticos restaurantes que bordejam a beira-mar. Aí provam toda a gama de pratos do dia: *picantes* que em princípio e em última análise podem ser o sinal mais fiável de estarem noutra sítio; *panados* de vaca ou sintéticos; *crus*, um costume atávico que será muito popular no terceiro milénio. **9.9.** As gambas são o aperitivo fundamental. Graças à simplificação da cadeia alimentar e às vicissitudes da preparação —sabem aos queques ingleses, quer dizer, a nada. **10. Programa** **10.1.** Os escritórios continuam a existir, de facto cada vez em maior número. As pessoas dizem que já não são necessários. Dentro de cinco a dez anos, trabalharemos todos em casa. Mas precisaremos de casas maiores, suficientemente grandes para as utilizar em reuniões. Os escritórios terão de ser

convertidos em casas. **10.2.** A única actividade é ir às compras... Mas porque não considerar que ir às compras é algo temporário, provisório? Espera melhores dias. E a culpa é nossa —nunca pensámos em nada melhor para fazer. Os mesmos espaços inundados com outros programas —bibliotecas, banhos, universidades— seria espectacular; ficaríamos estupefactos perante a sua grandiosidade. **10.3.** Os hotéis estão a transformar-se no alojamento genérico da Cidade Genérica, no seu prédio edificado mais comum. Antes costumavam ser os escritórios que pelo menos implicavam um ir e vir e supunham a presença de outros alojamentos importantes *em qualquer outro sítio*. Os hotéis são agora contentores que, na expansão e na universalidade dos seus serviços, fazem com que quase todos os restantes edifícios se tornem redundantes. Actuando também como centros comerciais, são o mais parecido que temos com a *existência* urbana ao estilo do século *xxi*. **10.4.** O hotel implica agora um encarceramento, uma prisão domiciliária voluntária; não há outro sítio onde ir que possa competir com ele; chegamos e lá ficamos. Em conjunto, descrevem uma cidade de dez milhões de habitantes, todos encerrados nos seus quartos, uma espécie de animação invertida —a densidade implodida. **11. Arquitectura** **11.1.** Fechemos os olhos e imaginemos uma explosão de bege. No seu epicentro espalha-se a cor das pregas vaginais

(não excitadas), em beringela metálico mate, tabaco-caqui, abóbora acinzentada, todos os carros a caminho da brancura nupcial... **11.2.** Há edifícios interessantes e aborrecidos na Cidade Genérica, como em todas as cidades. Em ambos os casos a sua ascendência remonta a Mies van der Rohe: a primeira categoria à sua torre irregular da Friedrichstrasse (1921); a segunda, às caixas que ele concebeu não muito tempo depois. Esta sequência é importante: obviamente, depois de uma experiência inicial, Mies tomou uma decisão de uma vez por todas contra o interesse, a favor do aborrecimento. Quando muito, os seus edifícios posteriores captam o espírito do seu trabalho anterior —sublimado, reprimido?— como uma ausência mais ou menos perceptível, mas nunca mais voltou a propor projectos «interessantes» para possíveis edifícios. A Cidade Genérica demonstra que estava equivocado: os seus arquitectos mais ousados aceitaram o desafio que Mies recusou, até a um ponto que hoje é difícil encontrar uma caixa. Ironicamente, esta homenagem exuberante ao Mies interessante mostra que «o» Mies estava enganado. **11.3.** A arquitectura da Cidade Genérica é, por definição, bela. Construída a uma velocidade incrível e concebida a um ritmo mais incrível ainda, há uma média de 27 versões abortadas por cada edifício realizado, mas este não é o termo adequado. Os projectos são elaborados nesses

10.000 escritórios de arquitectura, de que nunca ninguém ouviu falar, todos vibrantes de uma inspiração inovadora. Supostamente mais modestos que os seus colegas mais conhecidos, estes escritórios estão ligados por uma consciência colectiva de que algo vai mal na arquitectura e que só pode ser corrigido mediante os seus esforços. O poder dos números outorgalhes uma esplêndida e lustrosa arrogância. São eles que projectam sem vacilar. De mil e uma fontes, com uma precisão sem controlo, reúnem mais riquezas do que poderia qualquer outro génio. Em média, a sua educação custou 30.000 dólares, sem contar com viagens e alojamento. 23 % foram branqueados nas universidades norte-americanas da Ivy League, onde estiveram em contacto —há que reconhecer que durante períodos muito curtos— com a elite bem paga da outra profissão «oficial». Daí se deduz que um investimento combinado total de 300 mil milhões de dólares em formação de arquitectos (30.000 dólares [custo médio] x 100 [número médio de trabalhadores por atelier] x 100.000 [números de ateliers em todo o mundo]) está a desenvolver e a produzir a todo o momento Cidades Genéricas. **11.4.** Os edifícios que são formalmente complexos dependem da indústria da parede-cortina, com adesivos e selantes cada vez mais eficazes que transformam cada edifício numa mescla de camisa-de-forças e tenda de oxigénio. O uso de silicone

—«estamos a estender a fachada tanto quanto for possível»— aplanou todas as fachadas, colou o vidro à pedra, ao aço e ao betão numa impureza própria da era espacial. Essas uniões dão a impressão de certo rigor intelectual graças à aplicação generosa de um composto espermático transparente que mantém tudo unido, mais pelo objectivo do que pelo desenho: um triunfo da cola sobre a integridade dos materiais. Como tudo o resto na Cidade Genérica, a sua arquitectura é o resistente tornado maleável, uma epidemia do flexível causada não pela aplicação dos princípios, mas sim pela aplicação *sistemática* do que não tem princípios.

**11.5.** Dado que a Cidade Genérica é principalmente asiática, a sua arquitectura funciona geralmente com ar condicionado; e é aí onde o paradoxo da recente mudança de paradigma —que a cidade já não representa o máximo desenvolvimento, mas sim um subdesenvolvimento no limite— se torna agudo: os meios brutais com que se consegue o acondicionamento universal imitam, dentro dos edifícios, as condições climáticas que antes «sucédiam» fora: tempestades repentinas, mini tornados, jactos de ar gelado na cafeteria, ondas de calor e inclusive neblina; um provincianismo do mecânico, abandonado pela massa cinzenta em busca do electrónico. Incompetência ou imaginação? **11.6.** A ironia é que desse modo a Cidade Genérica alcança o seu ponto mais subversivo, mais ideológico;

eleva a mediocridade a um nível superior; é como o *Merzbau* de Kurt Schwitters à escala da cidade: a Cidade Genérica é uma *Merzstadt*. **11.7.** O ângulo das fachadas é o único indicador fiável da genialidade arquitectónica: 3 pontos por se inclinar para trás, 12 pontos por se inclinar para a frente, penalização de 2 pontos pelos recuos (demasiado nostálgicos). **11.8.** A substância aparentemente sólida da Cidade Genérica é enganosa. 51 % do seu volume consiste num átrio. O átrio é um recurso diabólico pela sua capacidade para dar substância ao insubstancial. O seu nome romano é uma garantia eterna de classe arquitectónica —as suas origens históricas fazem com que o tema seja inesgotável. Dá alojamento ao habitante das cavernas no seu fornecimento incessante de comodidade metropolitana. **11.9.** O átrio é espaço vazio: os vazios são o prédio edificado essencial da Cidade Genérica. Paradoxalmente, a sua vacuidade assegura a sua natureza física, sendo o exagero do volume o único pretexto para a sua manifestação física. Quanto mais completos e repetitivos são os seus interiores, menos se nota a sua repetição essencial. **11.10.** O estilo de eleição é o pós-moderno e *sempre permanecerá assim*. O pós-modernismo é o único movimento que conseguiu ligar o exercício da arquitectura ao exercício do pânico. O pós-modernismo não é uma doutrina baseada numa interpretação superiormente civilizada da história da arquitectura,

mas sim um método, uma mutação da arquitectura profissional que produz resultados suficientemente rápidos para acompanhar o ritmo de desenvolvimento da Cidade Genérica. Em vez de consciência, como talvez tivessem esperado os seus inventores originais, o que cria é um novo inconsciente. É o pequeno ajudante da modernização. Qualquer um o pode fazer — um arranha-céus inspirado num pagode chinês e/ou uma cidade toscana numa colina. **11.11.** Toda a resistência ao pós-modernismo é antidemocrática. Cria um revestimento «furtivo» em redor da arquitectura que a torna irresistível, como um presente de Natal proveniente de uma instituição benemérita. **11.12.** Haverá uma ligação entre a predominância de espelhos na Cidade Genérica —será para celebrar o nada através da sua multiplicação ou um esforço desesperado para captar as suas essências em vias de evaporação?— e as «prendas» que, durante séculos, se consideraram o presente mais popular e mais eficaz para os selvagens? **11.13.** Maximo Gorki fala, em relação a Coney Island, de «tédio variado». É claro que pretende estabelecer um paradoxo. A variedade não pode ser entediante. O tédio não pode ser variado. Mas a variedade infinita da Cidade Genérica quase consegue, pelo menos, tornar a variedade uma coisa normal: banalizada, numa inversão da expectativa, é a repetição que se torna inabitual e portanto potencialmente audaz e estimulante. Mas isso é

para o século XXI. **12. Geografia** **12.1.** A Cidade Genérica vive num clima mais quente do que é habitual; vai a caminho do sul —até ao equador— para longe dessa confusão que o norte fez com o segundo milénio. É um conceito num estado de migração. O seu destino final é ser tropical —melhor clima, gente mais bonita. É habitada por aqueles que não gostam de viver noutro lado. **12.2.** Na Cidade Genérica as pessoas não só são mais bonitas do que os seus contemporâneos, também têm fama de serem mais serenas, menos preocupadas em relação ao trabalho, menos hostis, mais simpáticas — uma prova, por outras palavras, de que existe uma ligação entre a arquitectura e o comportamento, de que a cidade pode melhorar as pessoas através de métodos ainda não identificados. **12.3.** Uma das características com maior potencial da Cidade Genérica é a estabilidade do tempo —sem estações, previsão de ambiente soalheiro— no entanto todos os prognósticos se apresentam em termos de mudança eminente e agravamento futuro: nuvens em Carachi. Do ético e do religioso, o tema da fatalidade passa a estar no âmbito inescapável do meteorológico. O mau tempo é quase a única preocupação que paira sobre a Cidade Genérica. **13. Identidade** **13.1.** Há uma redundância calculada (?) na iconografia que a Cidade Genérica adopta. Se estiver próximo da água, os símbolos aquáticos espalham-se por todo o seu território. Se for um porto, barcos e



guindastes aparecerão muito longe terra dentro (contudo, não faria sentido mostrar contentores: não se pode particularizar o genérico através do Genérico). Se for asiática, por todo o lado aparecerão mulheres «delicadas» (sensuais, inescrutáveis) em poses elásticas, indicando submissão (religiosa, sexual). Se tiver uma montanha, cada folheto, cada ementa, cada bilhete ou cartaz reproduzirá a colina, como se nada mais fosse convincente senão essa redundância sem fim. A sua identidade é como um mantra. **14. História**

**14.1.** Lamentar-se por falta de história é um reflexo entediante. Revela um consenso tácito de que a presença da história é algo desejável. Mas quem diz que é esse o caso? Uma cidade é um plano habitado do modo mais eficaz por pessoas e processos, e na maioria dos casos a presença da história apenas debilita o seu rendimento... **14.2.** A presença da história limita o puro aproveitamento do seu valor teórico como ausência. **14.3.** Ao longo da História da Humanidade — para começar um parágrafo à maneira norte-americana — as cidades cresceram mediante um processo de consolidação. As mudanças fazem-se no lugar. As coisas melhoram. As culturas florescem, degradam-se, renascem e desaparecem, são saqueadas invadidas, humilhadas e espoliadas, triunfam, renascem, têm idades de ouro e ficam subitamente em silêncio — e tudo no mesmo lugar. Por esta razão a arqueologia é

uma profissão de escavação: revela estrato após estrato da civilização (quer dizer, da cidade). A Cidade Genérica, como um esboço que nunca se acaba, não é melhorada, antes abandonada. A ideia de estratificação, intensificação e conclusão são estranhas a ela: não tem estratos. O seu estrato seguinte tem lugar noutro sítio, que até pode ser mesmo ao lado — e isso pode ser o tamanho de um país — ou então noutro lugar completamente diferente. O arqueólogo (= arqueologia com mais interpretação) do século xx necessita de um número ilimitado de bilhetes de avião e não de uma pá. **14.4.** Ao explorar/expulsar os seus melhoramentos, a Cidade Genérica perpetua a sua própria amnésia (o seu único vínculo com a eternidade?). A sua arqueologia será portanto a prova do seu esquecimento progressivo, a documentação da sua evaporação. A sua genialidade acabará de mãos vazias — não no rei que vai nu, mas sim num arqueólogo sem achados ou numa jazida vazia. **15. Infra-estrutura**

**15.1.** As infra-estruturas que se reforçavam e completavam mutuamente, estão a tornar-se cada vez mais competitivas e locais; já não pretendem criar conjuntos que funcionam, agora produzem entidades funcionais. Em vez de redes e organismos, a nova infra-estrutura cria enclaves e impasses: não mais o *grand récit*, mas sim desvios parasitas (a cidade de Banguécoque aprovou planos para três sistemas rivais de metro elevado para

chegar de A a B: que ganhe o mais forte). **15.2.** A infraestrutura já não é uma resposta mais ou menos retardada a uma necessidade mais ou menos urgente, mas antes uma arma estratégica, uma profecia: o porto X não se amplia para prestar serviços a um território interior de consumidores frenéticos, mas sim para eliminar/reduzir as hipóteses de sobrevivência do porto Y até ao século XXI. Numa única ilha, a metrópole meridional Z, ainda na sua infância, é «dotada» de um novo sistema de metro para fazer com que a metrópole W, já consolidada a norte, pareça pouco fluida, congestionada e antiga. A vida em V simplifica-se para fazer com que a vida em U se torne insuportável. **16. Cultura**

**16.1.** Só o redundante conta. **16.2.** Em cada fuso horário há mais ou menos três representações do musical *Cats*. O mundo está rodeado por um anel de Saturno de miadelas. **16.3.** A cidade costumava ser uma reserva natural de caça sexual. A Cidade Genérica é como uma agência matrimonial: concilia eficazmente a oferta e a procura. Orgasmos em vez de sofrimento: aí está o progresso. As possibilidades mais obscenas são anunciadas com a letra de imprensa mais limpa: a Helvética tornou-se pornográfica. **17. Fim 17.1.** Imaginemos um filme de Hollywood sobre a Bíblia. Uma cidade algures na Terra Santa. Uma cena de mercado: da esquerda para a direita, figurantes vestidos com trapos de cores vivas, peles e túnicas de seda entram na imagem a gri-

tar, gesticulando, revirando os olhos, iniciando brigas, rindo, coçando as barbas, com os postigos pingando cola, apinhando-se no centro da imagem, agitando varapaus e punhos, derrubando bancas, pisando animais... As pessoas gritam. Vendendo mercadorias? Anunciando futuros? Invocando deuses? Bolsas são roubadas, criminosos são perseguidos (ou ajudados?) pela multidão. Os sacerdotes rezam e pedem calma. As crianças correm como loucas por entre uma floresta de pernas e túnicas. Animais berram. Estátuas caem. As mulheres gritam —ameaçadas? exaltadas? A multidão agitada torna-se oceânica. As ondas rebentam. Agora cortamos o som —silêncio, um alívio abençoado— e fazemos rodar o filme para trás. Os homens e as mulheres, agora mudos mas visivelmente agitados, retrocedem aos tropeços: o observador já não regista apenas seres humanos, mas começa a notar os espaços entre eles. O centro esvazia-se; as últimas sombras saem do enquadramento da imagem, provavelmente queixando-se, mas felizmente não os ouvimos. Agora o silêncio é reforçado pelo vazio: a imagem mostra tendas vazias, alguns restos de lixo pisado. Que alívio... está terminado. Esta é a história da cidade. A cidade já não existe. Agora já podemos sair do cinema...